



LOGICALIS
Architects of Change

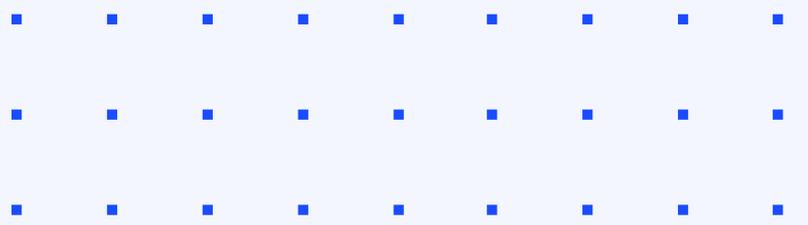


Com outras

palavras...

**Construindo
uma nova história**

Prefácio



Os índices atuais das pesquisas sociais brasileiras que consideram a questão racial como variável estrutural apontam para situações de insegurança alimentar, fragilidade representativa nas esferas de poder e sobretudo a diferença abismal de renda entre pessoas brancas e negras (OXFAM-BR). Esses dados oferecem possibilidade de reflexão para criarmos estratégias e ações de superação dos problemas sociais brasileiros. Sem dúvida, também propõe a compreensão das questões que envolvem raça e racismo no Brasil.

O conceito de raça, bem como o de etnia devem ser compreendidos como constructos sociais e pensados em seu contexto histórico. Nesse sentido, Raça faz parte da narrativa criada pelo darwinismo social que alicerçava disputas de poder e de territórios no mundo, durante o século XIX. Os países (neo)colonizadores apoiados pelo discurso científico e filosófico criaram formas para que o controle e o acesso à mão de obra e à matérias-primas baratas permanecessem durante anos – podemos pensar isso também em nossa contemporaneidade, pois o racismo ajuda a perpetuar essas condições. Segundo Nilma Lino, tanto o racismo, quanto o capacitismo, quanto machismo, a LGBTIAPN+fobia, “são ideologias e ações que desumanizam as pessoas, em especial aquelas que a sociedade cunhou como inferiores porque fazem parte de coletivos historicamente marginalizados.” (GOMES,2023).

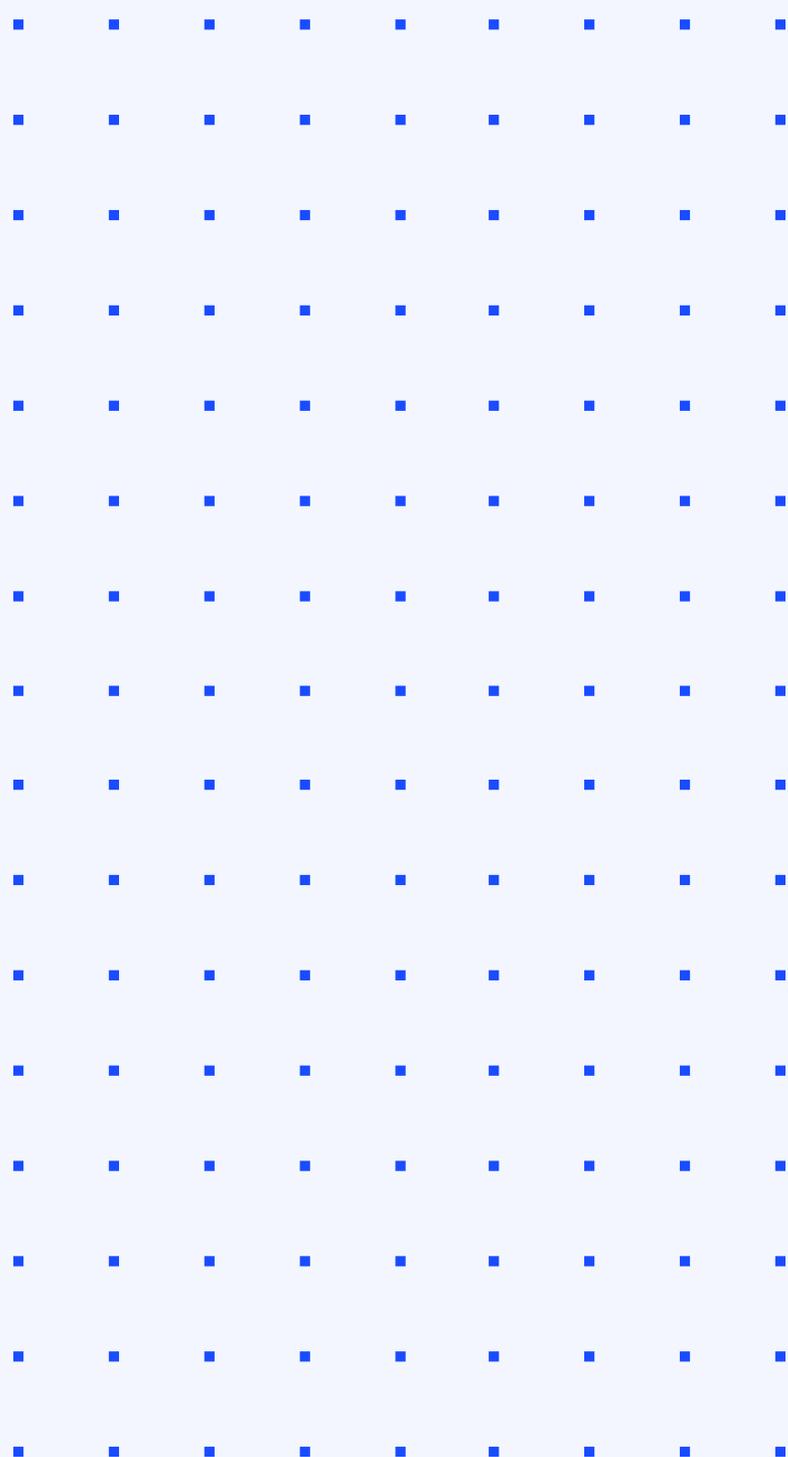
Precisamos entender que a discussão sobre discriminação e racismo no Brasil performava formatos diferentes em nossa intelectualidade brasileira. Aquela que defendia o mito da democracia racial e aquela que entendia que as diferenças raciais eram fruto da luta de classes. Conforme Sueli Carneiro, essas formas de pensamento acabam por colocar “a minimização ou o não reconhecimento e/ou a invisibilidade da intersecção da raça para as questões dos direitos humanos, da justiça social e da consolidação democrática, elementos que dificultam a erradicação das desigualdades raciais nas políticas públicas.” (CARNEIRO, 2011)

Desse modo, a Cartilha Com outras palavras ... Construindo uma nova história que ora apresento é um dos instrumentos possíveis para reconhecer, o quanto práticas e ações racistas estão presentes em nosso cotidiano, e, que a língua é também parte dos marcadores de hierarquização social que classifica e categoriza as pessoas do ponto de vista fenotípico. Os exemplos não se esgotam naqueles demonstrados aqui, aos quais podemos acrescentar outros tantos exemplos, que estão dispersos em outros documentos semelhantes a este, como por exemplo: os volumes distribuídos pela Defensoria Pública da Bahia e do Distrito Federal.

As palavras que são apresentadas nesta obra permitem a nossa reflexão a partir da pequena apresentação do termo, com as devidas indicações de substituição por outras mais adequadas. É importante lembrar, as palavras exercem grande poder na autoestima das pessoas e revelam ou ocultam sentidos. Assim, essa obra é importante dispositivo para a conscientização de como as palavras podem operar a manutenção do racismo a partir da desqualificação e desaprovação da população negra (nota da APAF de 2008).

Afinal, a escravização de pessoas negras oriundas de vários portos do continente Africano contava com o racismo para se reproduzir. Visto que, reduziam os corpos das pessoas negras, os animalizavam, desprovendo-os de pensamento, transformando-os apenas naquilo que poderiam oferecer: o sexo e a força de trabalho (CARINE, 2023).

Elucidar e reconhecer que muitas das palavras aqui tratadas reforçam o racismo e o sexismo, contribuem para o avanço da discussão sobre os modos e possibilidades para a diminuição das práticas racistas em muitos ambientes sociais, como nas relações de trabalho, nas relações interpessoais e inter-religiosas. É sem dúvida a oportunidade de trabalhar a igualdade social e racial no cotidiano, passo fundamental para o reconhecimento de espaços de valorização e humanização do pensamento e dos corpos negros.



Profa. Dra. Bárbara Canedo Ruiz Martins

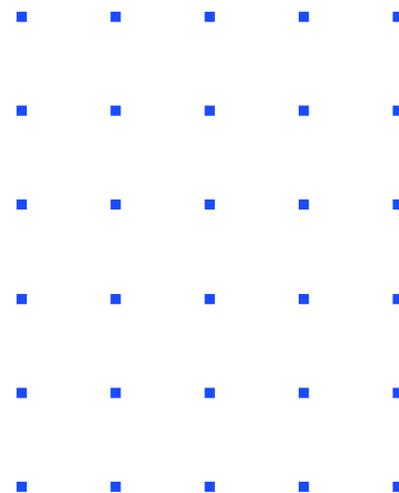
Doutora em Educação

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 2024

Estética

Da cor do pecado

"Da cor do pecado": Utilizada erroneamente como elogio, essa expressão originou-se no período colonial e está associada ao imaginário da mulher negra sensualizada, sugerindo que a cor da pele é tão atraente que pode ser considerada "pecaminosa". Não use essa expressão 😊



Cabelo ruim/cabelo bombril/ cabelo duro

Cada pessoa possui uma ou mais características de acordo com as suas origens. Essa característica é chamada de FENÓTIPO e deve ser respeitada, pois não existem traços melhores ou piores, apenas DIFERENTES.

Ao invés de usar termos racistas, você pode trocar pelos termos corretos: CABELO CRESPO, CACHEADO ou AFRO

Que negra linda

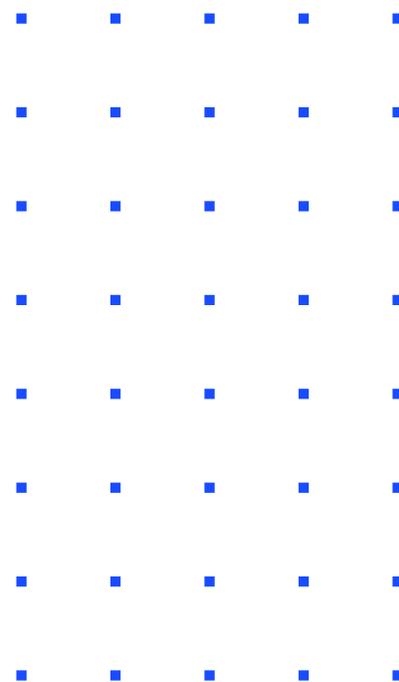
Quando nos deparamos com a beleza negra na sociedade, muitas vezes nos “elogios” é empregado o tom de excepcionalidade para elogiar e podem estar carregado de vieses racistas.

Pense bem. Quando foi elogiar uma pessoa branca você já disse “Que branca bonita”? Provavelmente não. Então, ao elogiar uma pessoa negra, utilize apenas os adjetivos e normalize a beleza negra!



Negra com traços finos/Negra de beleza exótica

As expressões são tentativas de “elogiar” pessoas negras a partir de um padrão de beleza próximo do europeu. Conseqüentemente, traços negroides como nariz mais largo, boca carnuda são, nesta perspectiva, considerados “grosseiros”, ou mesmo exóticos por serem diferentes de um padrão supostamente estabelecido como referência de beleza. Que tal apreciarmos cada beleza em sua singularidade, expressando nossa admiração com adjetivos como bela/belo, bonita/bonito, sem os complementos negra/negro?



Cor de Pele

“Cor de pele” era uma expressão usada para identificar uma cor, mais especificamente tons de bege ou rosa claro, fazendo expressa alusão à pele branca. A ideia de que as cores claras devem ser consideradas como padrão ideal para representar a pele humana é racista.

No Brasil, devido à miscigenação ao longo de mais de 500 anos, temos uma grande diversidade de tons de pele. A escala de cores dos brasileiros inclui cerca de 144 cores diferentes.

Por isso, não é correto utilizar o termo: “Por favor, pode pegar o lápis cor de pele (referindo a cor rosa ou bege claro)”.

Cada indivíduo tem sua cor e seu brilho!





Pessoa de cor

O termo “pessoa de cor” (às vezes abreviado como PoC em inglês, person of color) tem sua origem nos Estados Unidos para descrever qualquer pessoa que não seja considerada branca. Isso inclui afro-americanos, latino-americanos, asiático-americanos, nativo-americanos e outros grupos. A expressão aponta para um racismo institucional. Trata-se de uma forma pejorativa e racista para se referir as pessoas negras e não deve ser utilizado.

Situações cotidianas

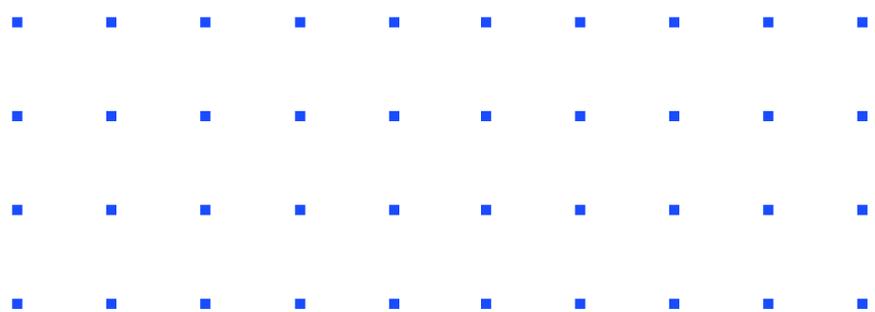


A coisa tá preta

A expressão 'A coisa tá preta' – usada para indicar que a situação está difícil, desagradável ou perigosa – tem cunho racista porque: reduz o sujeito preto à condição de negativo do branco (como vemos no uso da expressão 'inveja branca'); e associa uma característica de pessoas pretas a algo negativo.

Ainda não sendo possível subvertê-la, podemos ressignificar. Atualmente, o movimento negro usa o termo em tiradas cirúrgicas como "Se a Coisa tá preta, então a coisa tá ótima!".

Em suas canções fortes e de ritmos diversos, que usam a expressão, os artistas Rincon Sapiência e Elza Soares (feat Mc Rebecca) questionam seu uso pejorativo ressignificando-a através de seus versos, onde celebram e ressaltam que a vivência negra é algo belo e forte.



Inveja branca

A origem exata do termo “inveja branca” não é clara, mas ele se popularizou no Brasil ao longo do tempo, especialmente no século XX. Seu uso perpetua estereótipos racistas e reforça a ideia de que o branco é superior ou mais desejável.

Na realidade, a inveja é um sentimento ruim, e a admiração por algo ou alguém é sempre melhor! Que tal tentar mudar essa forma de nos expressarmos?





Denegrir

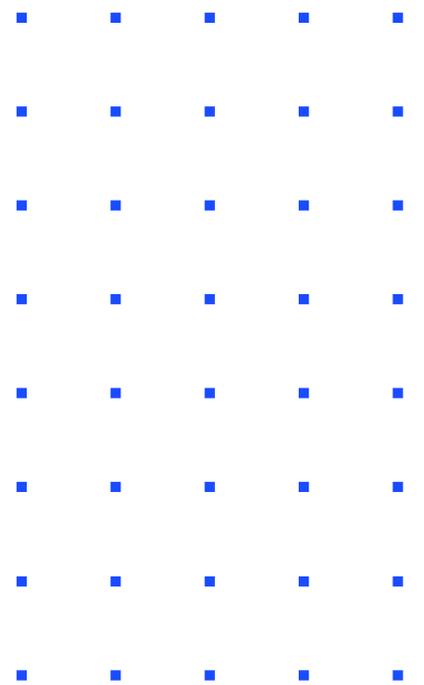
A palavra “Denegrir” vem do Latim denigrare e significa enegrecer ou “tornar escuro”.

Seu uso está associado à ideia de macular, manchar, sujar alguma coisa, o que sugere que tornar algo negro é negativo.

Substitua por “difamar” ou “caluniar”. Assim você se faz entender sem utilizar palavras que possam diminuir e ofender ao próximo.

Neguinho

As expressões “neguinho”/“neguinha”, derivadas das palavras “negro/negra” muito utilizadas na linguagem popular, carregam consigo um histórico complexo de preconceito e estereótipos raciais. Elas podem ter sentido positivo, em ambientes familiares e de maior intimidade, como demonstração de carinho. Mas são empregadas em sentido negativo quando, ao se deparar com algum mal-feito sem conhecimento da autoria, atribuem-na ao “neguinho” ou à “neguinha”, associando a autoria de um mau serviço a pessoas negras em geral.





Dia de branco – segunda-feira

Essa expressão tem várias origens possíveis. De acordo com estudiosos, ela foi criada em referência ao uniforme da marinha. Outros sugerem que estaria ligada à nota de mil cruzeiros, que apresentava a estampa do Barão do Rio Branco, vestindo trajes brancos. Dizer que o dia seguinte é “de branco” inicialmente significava um dia de trabalho ou de oportunidade para ganhar dinheiro.

No entanto, ao longo do tempo, esse ditado popular adquiriu conotações preconceituosas, tornando-se uma forma de reforçar a suposta “inferioridade das pessoas negras”.

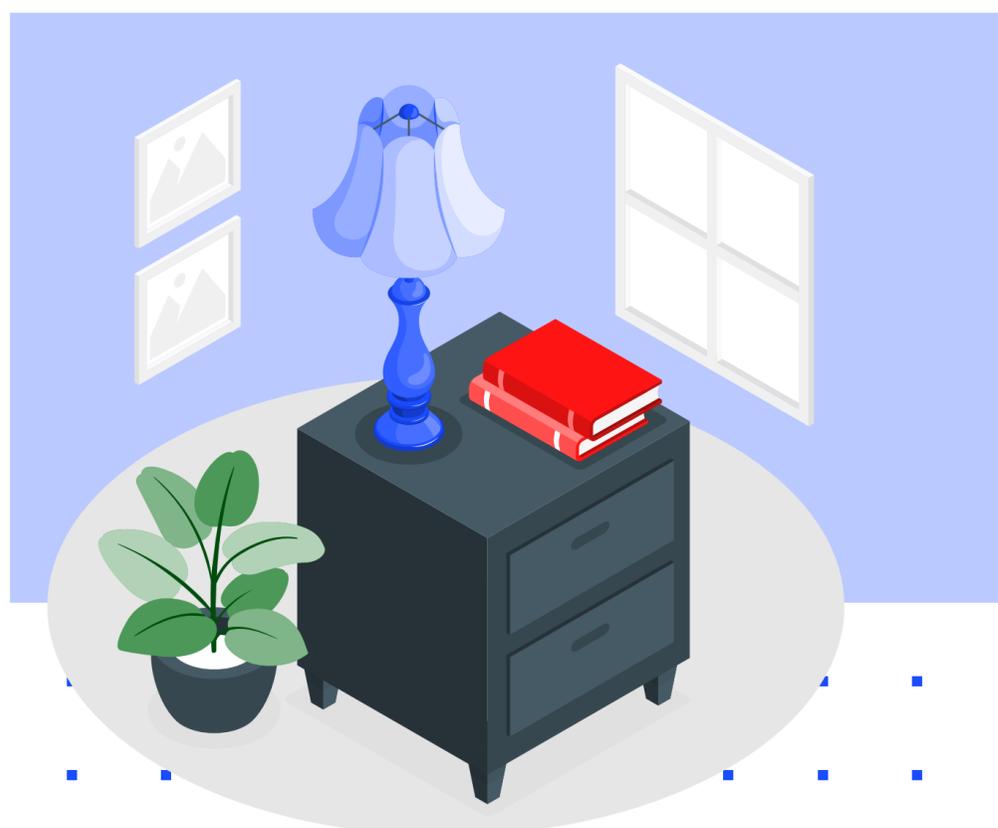
Substituir por dia de trabalho, ou excluir do seu vocabulário

Criado-mudo

Durante a escravidão, os "criados" eram os escravizados que prestavam serviços na casa-grande, e muitos deles passavam horas ao lado da cama de seus senhores, segurando objetos e permanecendo imóveis para não perturbar e o criado que viesse a fazer algum movimento, lhe era aplicado punições cruéis como perder a língua por exemplo.

Esse papel servil e humilhante, que envolvia ficar parado e praticamente invisível, inspirou o nome do móvel "criado-mudo", que originalmente era uma pequena mesa ao lado da cama, destinada a suportar objetos como copos de água, livros ou outros objetos.

A sugestão de usar "mesa de cabeceira" é uma alternativa mais neutra e que evita o vínculo com esse passado.

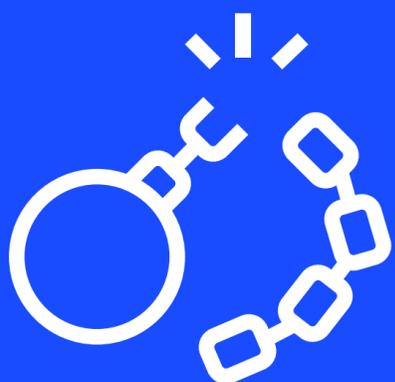
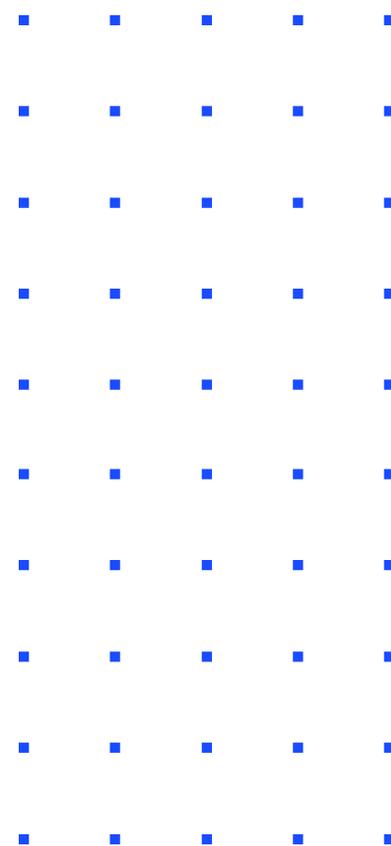


Origem

Crioulo/ Crioula

A palavra “crioulo” ou “crioula” é um termo pejorativo para referir-se a pessoa negra e tem origem no período escravista da história brasileira. Crioulo era o termo utilizado para referir-se a filhos de escravizados, ou seja, pessoas já nascidas privadas de sua liberdade.

Em outros períodos da história nacional, outras palavras como “crioulo” e “mulato” também eram utilizadas para hierarquizar os descendentes de africanos e inferiorizá-los em relação a pessoas brancas. Segundo a historiadora Celda Rejeane o uso dessas palavras revela “Uma tentativa de afirmar que não somos negros, mas também estamos longe de ser brancos.”



Escravo/ escrava

Ao utilizar os termos “escravo/escrava” para referir-se aos africanos trazidos a força para o Brasil e para outros países do continente americano entre os séculos XIV e XIX, atribuímos naturalidade a um processo complexo e imposto, não raro, pela violência. Ninguém nasce escravo. Por isso é mais adequado usar os termos “escravizado/escravizada”. Isso vale para o termo “escavidão”, que deve ser substituído pelo termo “escravização”, fazendo referência mais precisa ao processo histórico.

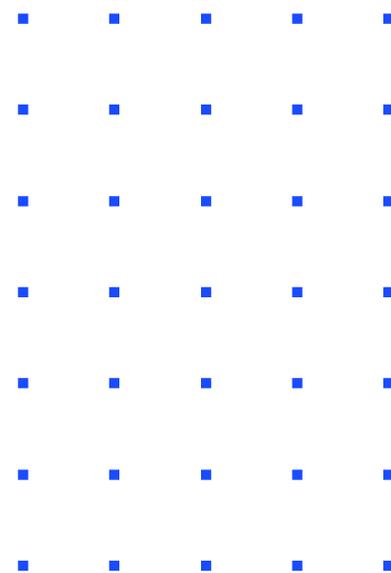
Não sou tuas negas

A expressão tem sua origem no contexto histórico de escravidão onde pessoas negras, principalmente mulheres, sofriam diversos abusos, assédios e agressões, uma vez que eram tratadas como propriedade e não tinham autonomia sobre suas próprias vidas. Nesse sentido, a expressão na verdade reforça um contexto histórico de desumanização e objetificação de mulheres negras.



Ovelha negra

A expressão “ovelha negra” carrega conotações pejorativas. Historicamente, a cor negra foi associada a aspectos negativos em várias culturas, e essa metáfora reforça estereótipos ao ligar o “negro” ao que é indesejado ou ruim. Evitar termos que associam características raciais a qualidades negativas ajuda a promover uma comunicação mais inclusiva e respeitosa.



Estampa étnica

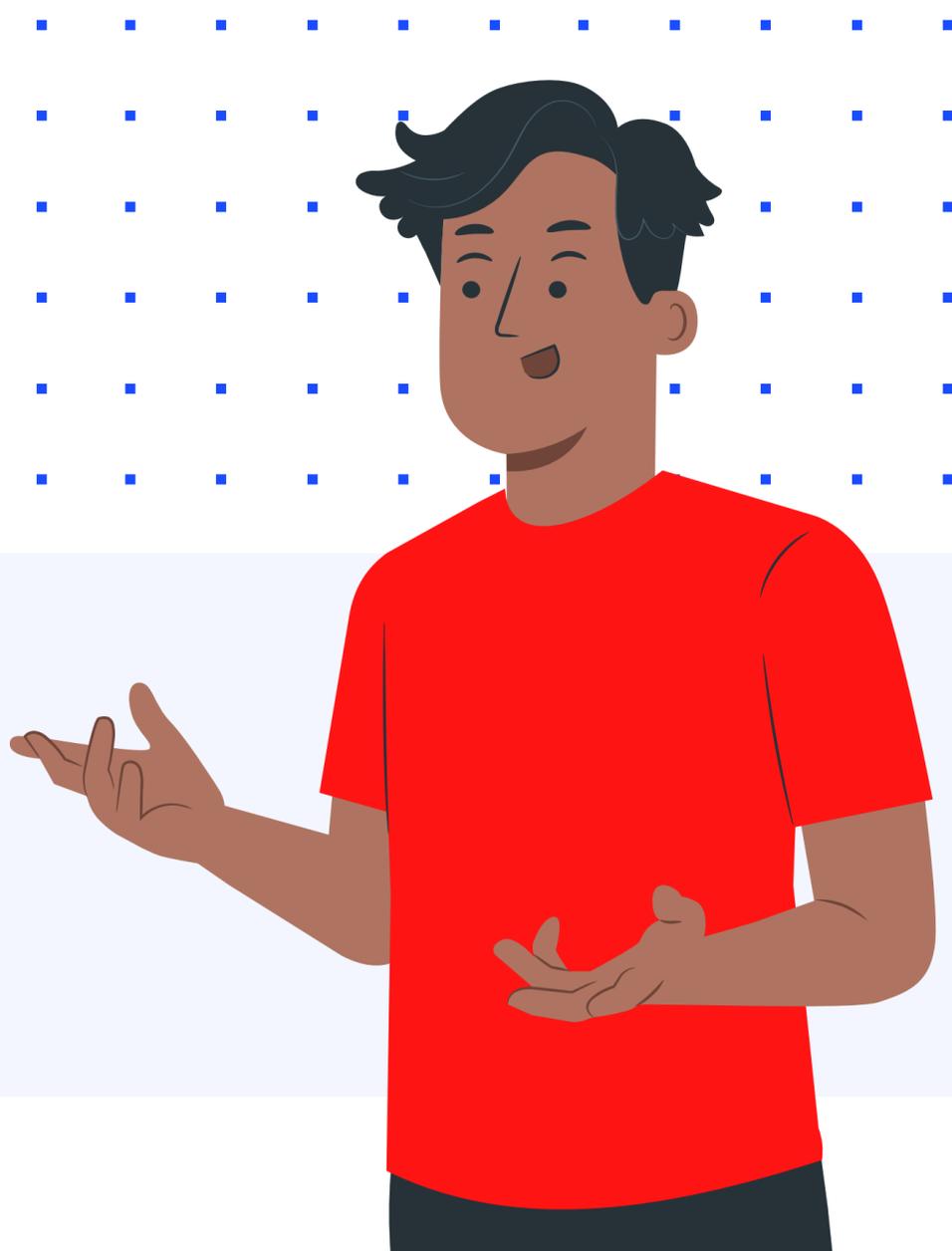
Estampa parece ser, no mundo da moda, apenas aquela criada segundo um padrão europeu. Assim, estampas provenientes de outros continentes e, particularmente, do continente africano, recebem como distinção os adjetivos “étnica” ou “exótica”. Ao se deparar com uma estampa diferente do padrão europeu, que tal pesquisar a origem da mesma e a cultura que a gerou? Encontraremos estampas angolanas, senegalesas, marfinenses e tantas outras geradas pelas culturas dos diferentes povos africanos.

Moreno/morena

A palavra "moreno" vem do latim *maurus*, que se referia aos mouros, povos de pele escura do norte da África. Após a invasão da Península Ibérica, o termo passou a descrever pessoas de pele escura e cabelos escuros.

No Brasil e outros países de língua portuguesa, "moreno" passou a ser usado para evitar termos como "negro" ou "preto", na tentativa de embranquecer e suavizar o incômodo da associação com a negritude.

Não se deve chamar uma pessoa negra ou preta de “morena”, em vez disso a chame pelo seu nome ou a questione como gostaria de ser chamada.





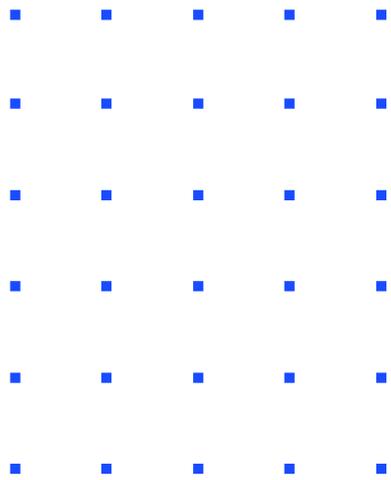
Mulata/mulato

A palavra "mulato", que tem raízes no espanhol e no português, designa pessoas de ascendência mista entre brancos e negros e carrega conotações negativas oriundas de uma história de opressão.

O uso do termo "mulato" no Brasil e em outros países da América Latina foi consolidado durante o período colonial, quando a sociedade era marcada por uma intensa mistura racial resultante da colonização, da escravização e das relações interétnicas.

No feminino, o termo é frequentemente usado de forma estereotipada para se referir a mulheres negras, reduzindo-as à sua sexualidade.

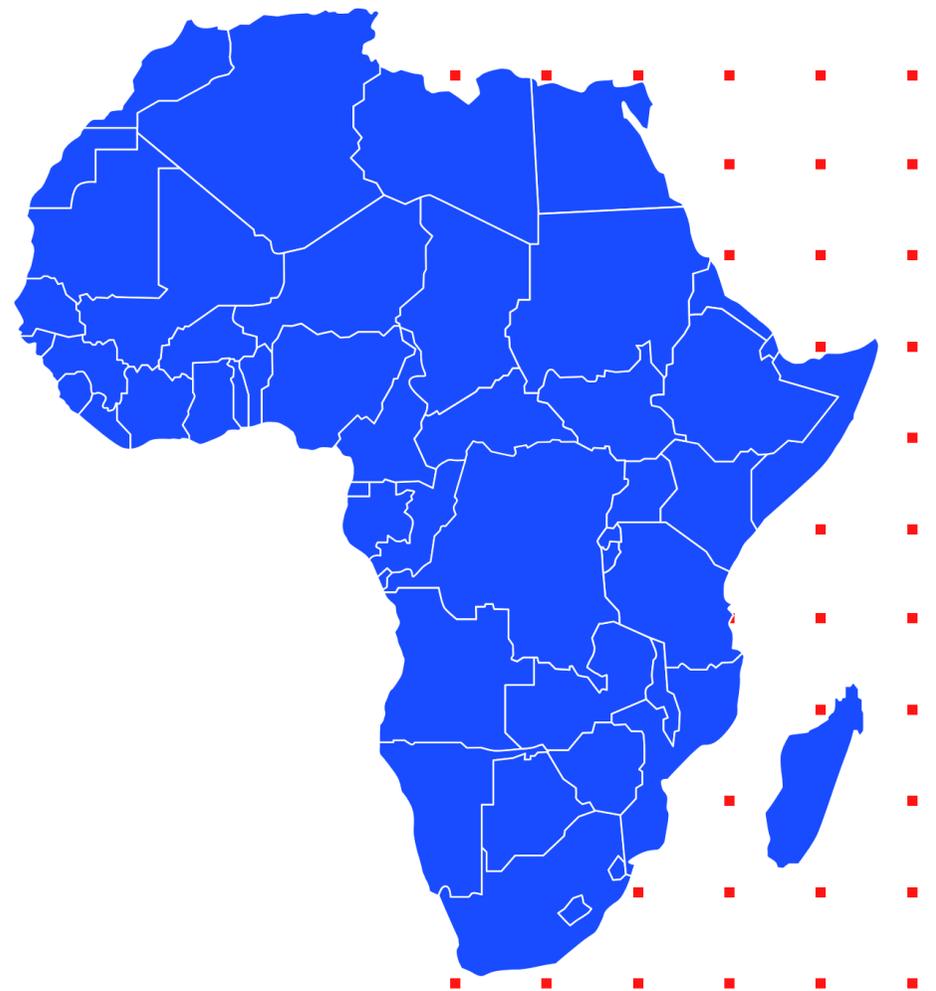
Para uma análise mais aprofundada da origem e do uso da palavra, uma referência útil é o livro **Racismo e Antirracismo no Brasil**, de Kabengele Munanga, que explora as questões de identidade racial e a construção social das categorias raciais no Brasil.



África (continente citado como país)

O continente africano possui cerca de 30 milhões de km², divididos em 54 países. Essa região apresenta uma geografia diversificada. Culturalmente, é rica e variada, contando com mais de 2.000 idiomas, tradições, danças, músicas, sistemas de crenças e formas de arte, que refletem a identidade dos milhares de grupos étnicos presentes no continente.

Apesar dessa diversidade, é comum a ideia equivocada de que a África é um único país. Esse fenômeno é impulsionado por estereótipos, falta de conhecimento e o legado da história colonial, que teve um impacto profundo na região, ignorando as identidades locais e impondo a cultura do colonizador.

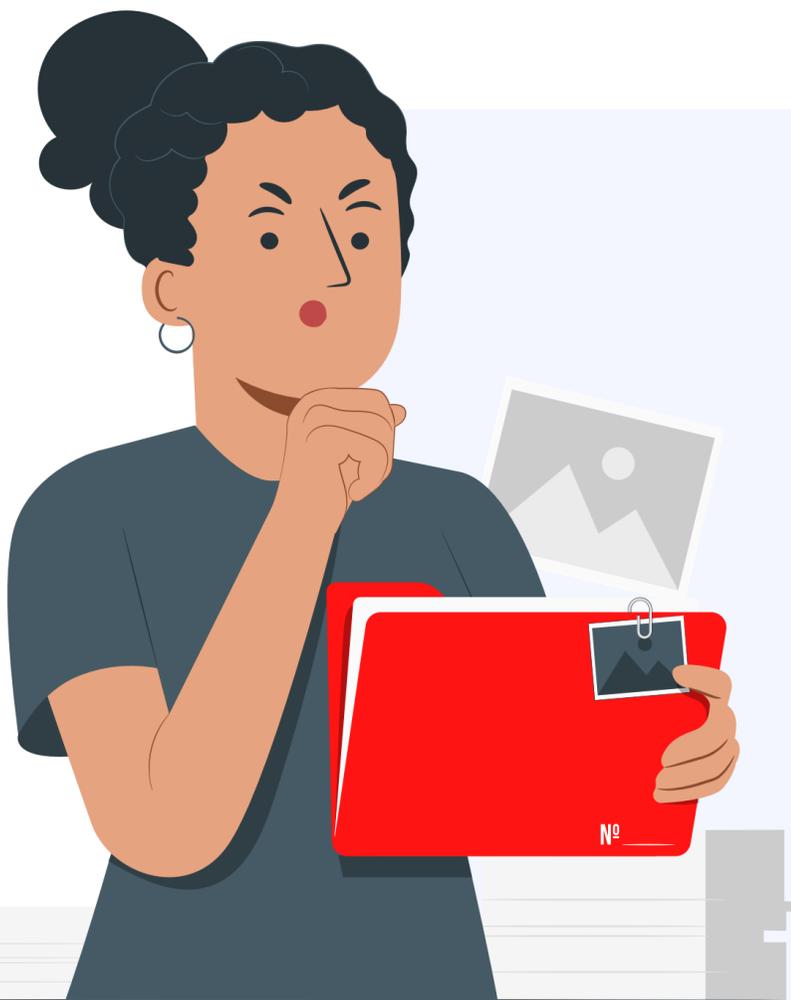
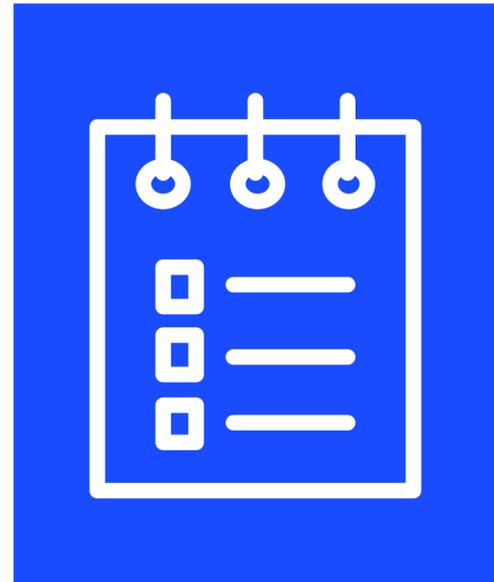


Punições/Desqualificação

Lista negra

Usada para descrever pessoas que, por alguma razão negativa, estão excluídas de certos grupos, ou ainda que uma pessoa está sendo perseguida.

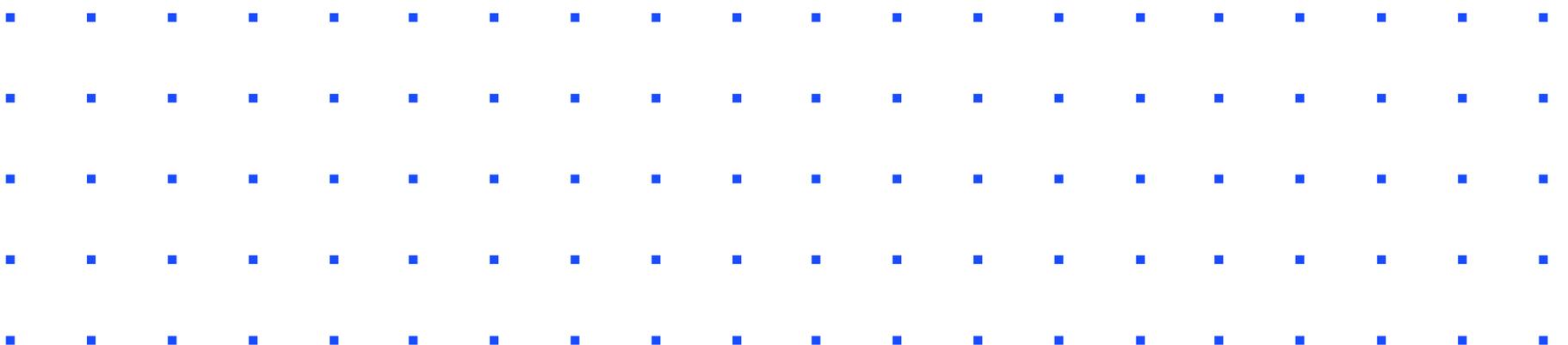
Historicamente a palavra "negra" é utilizada em várias expressões de forma pejorativa, como mercado negro, magia negra e ovelha negra. Esse tipo de associação reforça estereótipos negativos sobre pessoas negras e perpetua um racismo estrutural. Uma opção mais inclusiva e neutra é utilizar termos como: lista proibida ou lista de bloqueios.



Feito nas coxas

A expressão vem da época da escravidão brasileira, diz-se que, por falta de formas padronizadas, os escravizados modelavam as telhas nas próprias coxas, o que resultava em peças irregulares. Como as telhas não ficavam uniformes, surgiu a expressão "feito nas coxas" para designar algo de baixa qualidade, malfeito ou irregular.

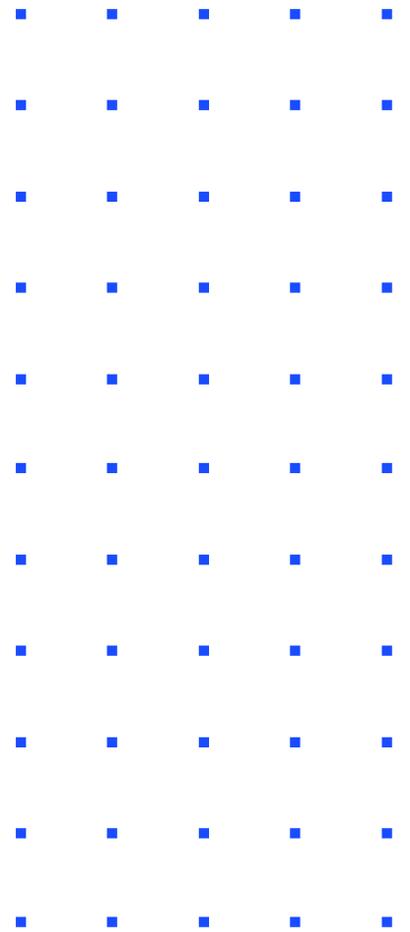
Substitua por: mal-feito.



Serviço de preto

A expressão “serviço de preto” possui dois sentidos, ambos pejorativos e racistas. Pode se referir a serviço incompleto, de baixa qualidade, associando sua execução a homens e mulheres pretos e, portanto, qualificando-os como maus profissionais.

A expressão também pode se referir a trabalhos de baixa complexidade, que exigem maior vigor físico e menor capacidade intelectual, e guardando a ideia racista de que homens e mulheres pretos seriam os mais indicados para realizar tais trabalhos. Para o primeiro sentido, é mais adequado referir-se a “serviço incompleto” ou “serviço mal-feito”. E para o segundo sentido, podemos empregar expressões como “serviço pesado” ou mesmo “serviço de baixa complexidade”.



Religiosidade

Chuta que é macumba

"Macumba" é um termo popular no Brasil que, historicamente, refere-se a práticas religiosas de origem africana, especialmente aquelas que foram desenvolvidas entre os escravizados e seus descendentes. O termo pode englobar uma variedade de tradições, como o Candomblé e a Umbanda, que incluem rituais, cânticos e oferendas.

Macumba também é um instrumento musical de percussão originário da África que era utilizado na dinamização dos cultos em religiões de matrizes africanas.

Entretanto, a palavra "macumba" também é frequentemente usada de forma pejorativa ou generalizada para descrever práticas de magia, feitiçaria ou mesmo para se referir a rituais que não se compreende bem. Essa simplificação pode levar a mal-entendidos e estigmas em relação às tradições afro-brasileiras.

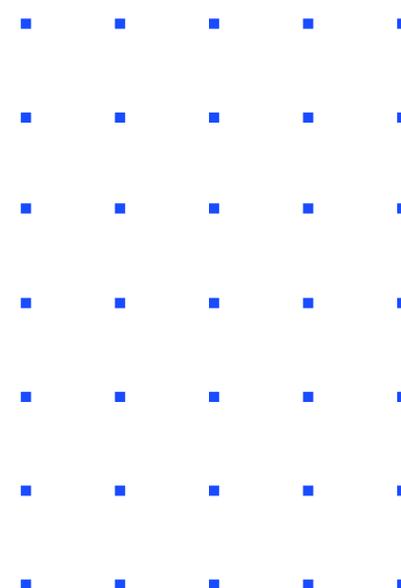
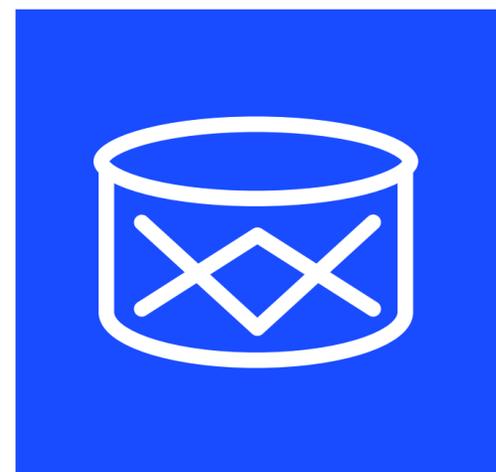
O termo "chuta que é macumba" é uma expressão popular brasileira que sugere a ideia de que algo é ruim e que tem que se manter longe.

Substitua essa expressão por: não quero perto, isto é algo para ficar longe.

Magia negra

Essa expressão se tornou problemática ao ser associada a religiões de matrizes africanas, como o Candomblé e a Umbanda, que foram estigmatizadas e mal interpretadas. Durante o período colonial, essas práticas foram demonizadas e rotuladas como "magia negra", ignorando sua riqueza cultural e espiritual. Ao contrário da ideia de malefício, muitos rituais visam cura e harmonia, refletindo um profundo respeito pela natureza e pelos ancestrais. A palavra "umbanda", por exemplo, tem origem na língua quimbunda de Angola e significa "magia" ou "arte de curar".

Essa associação perpetua estigmas raciais e marginaliza as comunidades afro-brasileiras. Portanto, é essencial promover uma reflexão crítica sobre o uso do termo e incentivar a educação sobre as tradições africanas, reconhecendo sua importância e contribuindo para uma sociedade mais justa e respeitosa.



Volta pro mar, oferenda!

A expressão “volta pro mar, oferenda” é considerada desapropriada e ofensiva porque associa algo indesejável a oferendas religiosas, desrespeitando as religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda.

Nessas religiões é comum oferecer oferendas a Iemanjá (divindade das águas e dos mares). Portanto, é necessário evitar o uso de expressões que possam ofender ou desrespeitar outras culturas e religiões, promovendo assim um ambiente mais inclusivo e respeitoso para todos.



"Não basta autoafirmar-se não racista - a inação contribui para perpetuar a opressão. A questão que se coloca é: o que cada um de nós está fazendo ativamente para combater o racismo".

Djamila Ribeiro - Pequeno Manual Antirracista

